

OS FORMATOS DA TIRA NO ENSINO

COMIC STRIPS WITHIN TEACHING

Paulo Eduardo Ramos

Doutor em Língua Portuguesa – USP, Professor adjunto da UNIFESP. E-mail: contatopauloramos@gmail.com

RESUMO

Um dos impactos da indústria cultural nas histórias em quadrinhos foi a criação de formatos regulares para a construção de tiras. Necessidade dos jornais, o molde fixo foi o modo encontrado de padronizar a produção para levar o mesmo produto a mais de um diário. Este artigo tem como objetivo demonstrar como esses diferentes formatos narrativos têm sido apropriados por materiais didáticos brasileiros. A exposição procurará demonstrar que a variedade de moldes narrativos tem explicações em seu processo de produção e circulação. É algo que, se contextualizado ao aluno, ajudaria no processo de identificação do gênero e de construção do sentido, permitindo uma leitura mais crítica daquele conteúdo.

Palavras-chave: Formato. Tira. Ensino.

ABSTRACT

One of the impacts of culture industry towards comic books was the creation of regular formats for comic strips. The regular format was the way to standardize them for newspapers. The following paper has the objective of showing how Brazilian textbooks have used such different narrative formats. It will try to show that the each narrative format has its own characteristics in its production and circulation process. Such explanation could help students identifying the comic strip genre as well as its content construction, which would allow them to have a critical point of view when reading it.

Keywords: Format. Comic strip. Teaching.

RESUMEN

Uno de los impactos de la industria cultural en las historietas fue la creación de formatos estándar para la construcción de tiras. Una necesidad de los periódicos, el molde fijo fue el camino encontrado para estandarizar la producción para llevar el mismo producto hasta más de una revista. En este artículo se pretende demostrar cómo estos diferentes formatos narrativos han sido apropiados para los materiales de enseñanza brasileños. La exposición tratará de demostrar que la variedad de moldes narrativos tiene explicaciones en su proceso de producción y circulación. Es algo que, si contextualizado al estudiante, ayuda en la identificación del género y en la construcción del sentido, lo que permite una lectura más crítica de ese contenido.

Palabras-clave: Formato. Tira. Enseñanza.

INTRODUÇÃO

Mantido pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), o Portal do Professor tem como um de seus objetivos o compartilhamento de experiências aplicadas no ensino básico¹. Uma visita à página revela várias propostas de atividade com histórias em quadrinhos a serem desenvolvidas em sala de aula. Muitas têm como mote o uso de tiras – ou tirinhas, como também costumam ser chamadas.

Observamos as dez primeiras atividades elencadas na página, após digitarmos a palavra “tiras” no sistema de busca do próprio site. Todas as propostas foram formuladas e inseridas ali por professores. Embora houvesse temas variados, como pontuação e diferenças dialetais, a maior parte procurou

1 Na página, consta que a proposta do portal é apresentar “um espaço para você professor acessar sugestões de planos de aula, baixar mídias de apoio, ter notícias sobre educação e iniciativa do MEC ou até mesmo compartilhar um plano de aula, participar de uma discussão ou fazer um curso”. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

observar aspectos relacionados à produção de sentido.

Se somadas, as atividades apresentavam 58 tiras de diferentes autores – apesar de uma nítida predominância de histórias da Turma da Mônica, criação mais famosa do desenhista brasileiro Mauricio de Sousa. Dois docentes expuseram nas propostas uma definição do que seria uma tira. Um se baseou em dicionários, onde consta que se tratava de “segmento ou fragmento de história em quadrinhos, geralmente com três ou quatro quadros, e apresentado em jornais ou revistas numa só faixa horizontal”². Outro propôs ele próprio uma definição:

[...] é um gênero discursivo que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. Geralmente, apresenta, no máximo, quatro quadros e é publicada em jornais, revistas e livros. O contexto em que se insere esse gênero é geralmente comportamental, social ou político, o que exige dos leitores um conhecimento de mundo³.

Há alguns pontos comuns entre ambas as definições, como o número de quadros utilizado e o local de veiculação. A primeira destaca especificamente o formato, horizontal. São características que se aplicam à maioria das tiras apresentadas nas atividades. Das histórias utilizadas, 50 delas se enquadram no perfil descrito. Mas fica claro que não se aplica a todas.

As demais apareceram na vertical (dois casos), utilizaram outros formatos (um quadrado e outro equivalente ao tamanho de três tiras) ou foram modificadas em relação ao conteúdo original. Essa última situação foi percebida em quatro exemplos. Por isso, talvez fosse mais prudente uma definição menos categórica e mais maleável, menos baseada no que se idealiza ser a tira e mais ancorada no modo como ela efetivamente é apropriada por autores e observada por leitores.

Os formatos padronizados haviam surgido por conta de uma necessidade da indústria cultural do começo do século passado, conforme descrevem autores como O’Sullivan (1990) e Gordon (1998). Os responsáveis pelos jornais norte-americanos da época identificaram que, se a história fosse criada em um tamanho fixo, ela poderia ser levada a outros diários do país. Ganhava-se, assim, mais pelo mesmo produto.

Foi dessa maneira que se convencionou o molde horizontal da tira – ou *comic strip*, como é chamada nos Estados Unidos. A primeira experiência assim ocorreu em 1907 com *Mutt*, de Bud Fisher. Tornou-se algo tão rentável que gerou empresas específicas de distribuição delas, os tais *syndicates*. O modelo e os produtos foram exportados para outros países, entre eles o Brasil.

Embora ainda seja perceptível esse modo de produção e de circulação de tiras, a padronização mais rígida estipulada pelos jornais foi quebrada em duas situações. A primeira se deu nos próprios Estados Unidos. No país, é comum a impressão de um caderno dominical, com mais páginas para os quadrinhos – e, portanto, mais espaço para as histórias, que podem ter formatos maiores.

A segunda situação é conceder dimensões maiores para determinado autor ou série, mesmo que destoe das demais apresentadas na página. No Brasil, o cartunista Henfil foi protagonista de duas situações assim, uma no *Jornal do Brasil*, na década de 1970, e outra em *O Estado de S. Paulo*, pouco antes de sua morte, em 1988. As histórias que criava eram consideravelmente mais amplas que as outras da seção de quadrinhos.

A liberdade proporcionada pela internet acentuou a pluralidade de formatos, que passaram a se tornar mais frequentes e dinâmicos aos olhos do leitor. Sites, blogs e redes sociais permitem uma

2 A definição apresentada na proposta de atividade foi retirada de versão eletrônica do “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”.

3 Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23900>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

maleabilidade muito maior que a rigidez de espaço dos jornais. Por conta disso, um autor pode construir histórias de uma mesma série em tamanhos distintos, a depender de seu interesse.

Em outro estudo (RAMOS, 2014), sinalizávamos para a existência de um alargamento dos moldes utilizados para a composição das histórias, mudança acentuada pela inserção delas nos meios digitais brasileiros. Castro (2016) estudou o assunto em três séries digitais brasileiras. Ele constatou que todas apresentam formatos distintos, uns maiores e com mais quadrinhos, outros menores e, por consequência, com menos quadros. O pesquisador observou, no entanto, que, apesar da variedade, predomina em cada série um formato mais prototípico. Ou seja: há maleabilidade de formas, porém uma delas é mais recorrente.

Se partirmos da premissa de que as crianças e os adolescentes têm tido contato cada vez mais constante com as novas tecnologias e suportes virtuais, e que nas redes sociais costumam circular quadrinhos de cunho humorístico, é de supor, também, que os estudantes já devam ter acessado alguma história assim, em seus variados formatos.

Essa percepção é reforçada pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, levantamento nacional realizado em 2015 e divulgado em 2016⁴. O estudo mostra que não só há uma forte inserção das plataformas digitais na vida dos jovens em idade escolar, mas também que o contato com tais mídias aumenta à medida que vão crescendo. Vejamos nas tabelas a seguir:

Tabela 1 – Respostas sobre uso de WhatsApp e Snapchat detalhadas por faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	PORCENTAGEM
5 a 10 anos	43%
11 a 13 anos	57%
14 a 17 anos	75%

Fonte: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição*. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

Tabela 2 – Respostas detalhadas sobre uso de redes sociais, blogs e fóruns por faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	PORCENTAGEM
5 a 10 anos	23%
11 a 13 anos	39%
14 a 17 anos	55%

Fonte: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição*. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

Percebe-se que há a inserção de redes sociais e aplicativos comuns a celulares (caso do WhatsApp) entre as pessoas em idade escolar. Não seria equivocado pensar, por consequência, que elas tenham contato com gêneros próprios a esses ambientes digitais. E as tiras cômicas figuram entre eles. Dois motivos ajudam na difusão delas: um tamanho tendencialmente menor, próprio para os suportes tecnológicos, e a presença do humor⁵.

4 Segundo dados do Instituto Pró-Livro, a pesquisa foi executada pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística) e abrangeu 315 municípios. Ao todo, foram 5.012 entrevistas. O levantamento foi realizado entre 23 de novembro e 14 de dezembro de 2015.

5 Como temos defendido em outros trabalhos (RAMOS, 2011, 2016), a tira cômica é um gênero que tem como marcas centrais a construção de uma narrativa, tendencialmente curta, com ou sem personagem fixo, que apresente um desfecho

Diante dos dados expostos até aqui, já se podem observar dois aspectos. O primeiro é que o formato da tira, inclusive a contemporânea, é mais maleável e não corresponde ao que vem sendo descrito nos dicionários e refletido em atividades em sala de aula. O segundo é que, por mais que se defina o contrário, tais moldes plurais já se fazem presentes no âmbito educacional brasileiro, como ficou claro na análise das atividades propostas no Portal do Professor.

Trabalhar essa variedade de formatos no ensino é o objetivo central dessa exposição. Para além da constatação, que põe à prova o que se entende contemporaneamente por tira, entendemos que abordar esse tema possa ser um convite para fomentar uma leitura mais crítica das histórias, tanto por parte do professor quanto do aluno.

Para tanto, defendemos que, para entender as tiras, elas e seus formatos devam ser contextualizados ao estudante, o que raramente acontece. Observar, por exemplo, o local original onde a história circulou (jornal, revista, site, blog, rede social) diz muito sobre a natureza daquele conteúdo, bem como do molde utilizado para a produção da narrativa.

São pontos já observados no Portal do Professor, mas que se fazem presentes em outros materiais, como procuraremos demonstrar. Para isso, adotaremos como objeto de análise uma das obras de Língua Portuguesa selecionadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para o triênio 2017, 2018 e 2019. A publicação é destinada a alunos do 6º ano do ensino fundamental II.

As categorias de análise a serem seguidas foram sistematizadas por nós em obra específica sobre tiras no ensino (RAMOS, 2017). Propusemos uma distinção de seis formatos identificados na produção brasileira de tiras, tanto impressa quanto digital. Feita a descrição dessas categorias e também do objeto a ser investigado, a etapa seguinte será voltada à análise dos resultados encontrados.

METODOLOGIA

Na tentativa de observar o modo como as tiras circulam na prática para, somente então, categorizar tendências de formatos, pudemos identificar seis moldes recorrentes entre os autores brasileiros (cf. RAMOS, 2017). Os formatos são:

1. Tiras tradicionais ou simplesmente tiras;
2. Tiras duplas ou de dois andares;
3. Tiras triplas ou de três andares;
4. Tiras longas;
5. Tiras adaptadas;
6. Tiras experimentais.

As nomenclaturas tornam um tanto autoexplicativas as características de cada uma. O primeiro caso é o mais próximo da definição apresentada pelos dicionários, por ser também a que predomina nos jornais brasileiros. Não por acaso, foi a mais registrada nas análises observadas no Portal do Professor e descritas no início deste artigo.

Em linhas gerais, trata-se de uma faixa, horizontal ou vertical, podendo mostrar a narrativa em inesperado. O final inusitado é o que levaria ao humor.

um ou mais quadrinhos. Se esse tamanho for dobrado, tem-se o segundo caso, dupla ou de dois andares – expressão que faz uma comparação aos andares de um prédio. Caso se acrescente mais uma tira, equivaleria a três tiras, por isso chamada de tripla ou de três andares.

O quarto caso, tiras longas, é o mais difícil de ser identificado. Ele é maior que os anteriores e fica na fronteira entre o que se entende por tira e página. Vai depender muito de onde circulou e do modo como autor e leitor entendem aquele conteúdo.

O quinto caso se refere às produções criadas inicialmente de um jeito – no formato tradicional, por exemplo –, porém modificadas para se adequarem a outro suporte (livro, revista, material didático, rede social etc.). Por isso, opta-se pela nomenclatura “adaptadas”. Cabe registrar, no entanto, que Groensteen (2015) sugere outro termo para situações como essa, remontagem.

O sexto e último caso é o de experimentações com as tiras. Estas tendem a ser produzidas em tamanhos e contornos variados, dada a natureza desse modo de criação das histórias. São ocorrências menos frequentes e surgem em geral motivadas pelo interesse do autor em criar algo novo, fora do padrão.

Cabe observar que parte dessas categorias apareceu nas atividades do Portal do Professor. Como comentado, as tradicionais predominaram. Mas, além delas, identificaram-se também os formatos adaptados e de dois andares (quadrado) e de três. No caso das histórias que foram modificadas, caberia perguntar ao professor se ele tinha ciência disso. Ele mesmo alterou aquele conteúdo ou se apropriou dele a partir de algum site ou rede social, já modificado por outra pessoa?

A resposta é relevante. Como a tira está sendo retirada de seu contexto original e levada ao ensino com finalidades (para)didáticas, isso interfere no modo como será percebida pelos alunos e pode dificultar sua interpretação. Espera-se que qualquer texto, seja ele composto por imagem ou somente por palavras, seja acompanhado de atividades de compreensão, de modo a que o(s) sentido(s) sugerido(s) seja(m) evidenciado(s). O ideal é que seja uma prática sempre acompanhada de uma contextualização do conteúdo trabalhado.

No caso das tiras, caberia explicitar (ou orientar o estudante a pesquisar) quem são os personagens, como é a série, quem é seu autor, onde circulou, qual a fonte daquela história (site?; jornal?; revista?). São dados que acrescentam informações ao texto e que auxiliam no processo de construção do(s) sentido(s).

Compreender a natureza do gênero também contribui para isso. Saber que determinada história é uma tira cômica já ajuda o estudante a antecipar algumas de suas marcas, entre elas a presença de um desfecho inusitado, que leva ao humor. O livro didático que será objeto de análise neste artigo trabalha com essa perspectiva:

Na escola, ao compreender o que é e o que constitui um gênero textual, o aluno adquire elementos para melhor compreender o que deve ser buscado num texto. Se o aluno souber o que é um poema, por exemplo, terá maior facilidade para perceber as escolhas próprias a esse gênero (sonoridades, rimas, jogos de palavras); se reconhecer a organização geral de uma notícia, saberá os elementos fundamentais que estruturam esse gênero: *Quem? Quando? Onde? O quê? Por quê?*; se conhecer o gênero “piada”, mais rapidamente buscará os sentidos ambíguos que provocam efeitos de humor. Dessa forma, a interpretação de um texto torna-se mais consistente na medida em que as inferências supostas desse processo são antecipadas pelo conhecimento sobre o gênero. Na produção textual, esses conhecimentos contribuirão para o aluno fazer e adequar suas escolhas ao tema, ao contexto, ao destinatário, à intenção e ao suporte. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2015, p. 334).

Por mais que existam exercícios em que são trabalhados aspectos relacionados à produção de

sentido, inclusive humorístico, o livro didático não contextualiza as séries utilizadas como anuncia nas orientações teóricas que nortearam a composição da obra.

A publicação a que nos referimos, *Projeto Teláris – Português* (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2015), foi uma das seis coleções de Língua Portuguesa selecionadas pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação para compor o PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) no triênio 2017, 2018 e 2019. A iniciativa tem como objetivo distribuir livros didáticos a escolas públicas brasileiras⁶.

A coleção é composta por quatro volumes, cada um correspondente a um dos anos do ensino fundamental II, público a quem se dirige. Para este estudo, optamos por analisar o primeiro volume, voltado a alunos do sexto ano. Tomamos como referência a versão do livro disponibilizada no site da editora e direcionada aos professores⁷.

A obra soma 409 páginas e é dividida em unidades, nas quais são trabalhados diferentes gêneros: contos, relatos pessoais e jornalísticos, artigo de opinião e publicidade. Não há, como se observa, uma unidade voltada especificamente aos quadrinhos. Estes são diluídas ao longo dos capítulos, ora em atividades específicas, ora como temas de exercícios.

O sexto volume da obra utilizou 47 histórias em quadrinhos. Dessas, 43 (91,5%) eram tiras, todas cômicas – as demais eram cartum (um caso, 2,1%) e quadrinhos infantis, construídos no tamanho equivalente ao de uma página (três casos, 6,4%).

A obra utilizou 18 séries diferentes, produzidas por 16 autores (dois deles, Mauricio de Sousa e Laerte, criaram histórias para mais de um personagem). Os dados estão descritos na tabela a seguir:

Tabela 3 – Séries e autores de tiras no livro didático *Projeto Teláris - Português*

SÉRIE	AUTOR	Nº DE TIRAS	PORCENTAGEM
Lola, a Andorinha	Laerte	5	11,6%
Hagar, o Horrível	Dik Browne	5	11,6%
Turma da Mônica	Maurício de Sousa	5	11,6%
Calvin e Haroldo	Bill Watterson	3	7%
Frank e Ernest	Bob Thaves	3	7%
Snoopy	Charles Schulz	3	7%
Armandinho	Alexandre Beck	2	4,7%
Mafalda	Quino	2	4,7%
Recruta Zero	Mort Walker	2	4,7%
Ozzy	Angeli	2	4,7%
O Menino Maluquinho	Ziraldo	2	4,7%
Horácio	Maurício de Sousa	1	2,3%
Suriá	Laerte	1	2,3%
Classificados	Laerte	1	2,3%
Tirinhas de Física	Francisco Caruso e Luísa Daou	1	2,3%
Trupe	Adão Iturrusgarai	1	2,3%
Chiquinha	Miguel Paiva	1	2,3%
Eric	Pedro Cobiaco	1	2,3%
Níquel Náusea	Fernando Gonsales	1	2,3%
Garfield	Jim Davis	1	2,3%

Fonte: BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português – 6º ano*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2015.

6 Informações sobre o programa foram obtidas no site do PNLD (<<http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>>) e no Edital de Convocação 02/2015, que selecionou as obras didáticas para o triênio 2017, 2018 e 2019 (<file:///C:/Users/usuario/Downloads/pnld_2017_edital_consolidado_10062015.pdf>). Acessos em: 14 abr. 2017.

7 Disponível em: <<https://somoseducacao2017.digitalpages.com.br/html/reader/218/49008>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Essas 43 histórias irão compor o recorte de análise deste artigo. Procuraremos observar os formatos de tiras presentes, tendo como norte as categorias apresentadas anteriormente, bem como quais deles predominam e como efetivamente aparecem nos conteúdos levados aos estudantes das diferentes faixas etárias do ensino fundamental.

Entendemos que a explicação para esses diferentes usos está diretamente ligada ao contexto em que as histórias circularam originalmente e de onde foram apropriadas para se tornarem conteúdos didáticos.

RESULTADOS

A principal fonte de exemplos do livro didático *Projeto Teláris – Português* foram as seções de quadrinhos dos jornais impressos, informação que consta nos créditos das próprias imagens utilizadas na obra. Pelo fato de os diários pautarem um tamanho mais regular para as histórias, era de se esperar que houvesse um predomínio do formato tradicional da tira, como pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 4 – Formatos de tiras presentes no livro didático *Projeto Teláris – Português*

FORMATO	NÚMERO DE CASOS	PORCENTAGEM
Tradicional ou de um andar	30	69,8%
Dupla ou de dois andares	5	11,6%
Tripla ou de três andares	6	14%
Adaptadas	2	4,6%
Longas	0	---
Experimentais	0	---

Fonte: BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português – 6º ano. 2. ed.* São Paulo: Ática, 2015.



Figura 1 – Tira da Turma da Mônica, em formato tradicional, usada no livro didático

Fonte: BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português – 6º ano. 2. ed.* São Paulo: Ática, 2015. p. 130.

O formato tradicional, como o mostrado na Figura 1, corresponde a quase 70% dos casos (69,8%). Das 30 tiras assim utilizadas na obra, apenas uma não era apresentada na horizontal – trava-se de uma narrativa de Horácio, de Mauricio de Sousa, mostrada na vertical. O motivo tem a ver com o local de onde ela foi reproduzida. A história aparecia na antepenúltima página do *Almanaque do Piteco & Horário*, publicado pela editora Panini.

É comum essas revistas, bem como as demais da Turma da Mônica, terminarem com uma tira na vertical, que ocupa a metade esquerda da página. A outra metade é utilizada para o expediente, com os

nomes das pessoas que trabalharam naquela edição e que atuam na editora.

Observar de onde as tiras foram extraídas ajuda a explicar também a existência das tiras de dois e de três andares presentes no livro didático. A maior parte delas foi reproduzida da extinta *Folhinha*, caderno infantil mantido por décadas pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Nas edições impressas neste século, os quadrinhos apareciam na página final e costumavam ter um tamanho dobrado ou mesmo triplicado, a depender da época, da série e do autor.

É por isso que se veem no livro didático tantas histórias nos formatos de dois e de três andares. Das 43 narrativas presentes na obra, 12 delas (27,9%) vieram do caderno infantil da *Folha de S.Paulo*. São os casos das séries Lola, a Andorinha (5 casos), Armandinho (dois exemplos), Ozzy, Eric, Trupe e Suriá (com uma tira cada um). À exceção de Armandinho, todas as demais tinham formatos maiores.

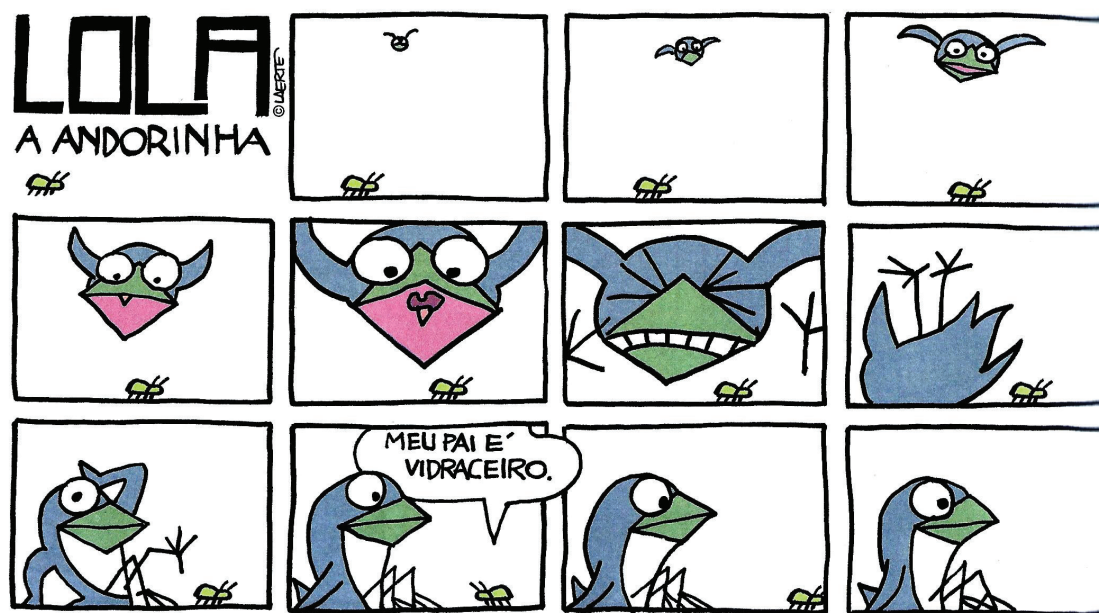


Figura 2 – Lola, a Andorinha, criação de Laerte no formato de três andares

Fonte: BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português – 6º ano. 2. ed.* São Paulo: Ática, 2015. p. 28.

O exemplo da Figura 2, de Lola, a Andorinha, era a primeira história das cinco histórias da série utilizadas no livro didático. A presença dela na obra era para tentar contextualizar os quadrinhos como outras formas de linguagens possíveis de serem utilizadas, lidas e dominadas pelos alunos. A marca dos quadrinhos, segundo a publicação, seria a união entre desenho e escrita para a construção das histórias.

A tira de Laerte é mostrada para ilustrar essa junção entre palavra e imagem, bem como para registrar nela a presença de elementos narrativos. No entanto, personagem, série e autor, bem como o local de circulação da história e o gênero, não são contextualizados ao estudante. Por consequência, o formato também não é abordado.

Lola é uma ave curiosa e boa gente. As histórias dela são pautadas por situações que procuram dialogar de alguma forma com o universo infantil, muitas delas bastante ingênuas. A mostrada na Figura 2 é um caso assim. O voo da andorinha é interrompido bruscamente – fica sugerido que ela bate em algo e cai. No final, descobre-se que se chocou com um vidro que, por ser transparente, não é mostrado na narrativa.

Não houve registros de tiras longas ou experimentais no livro didático analisado. Mas ocorreram

dois casos de tiras adaptadas, que merecem uma atenção especial. Isso porque, ao contrário de todas as demais ocorrências, elas tiveram os conteúdos modificados em relação à publicação original. Vejamos a primeira:



Figura 3 – Tira de Recruta Zero, publicada no formato tradicional em *O Estado de S.Paulo*
Fonte: WALKER, Mort. Recruta Zero. TV & Lazer. *O Estado de S. Paulo*. 17 fev. 2008. p. 20.



Figura 4 – Mesma tira de Recruta Zero, adaptada para livro didático

Fonte: BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português – 6º ano. 2. ed.* São Paulo: Ática, 2015. p. 175.

A história apresentada na Figura 3 é como ela foi publicada originalmente no caderno *TV & Lazer* do jornal *O Estado de S.Paulo*, em 17 de fevereiro de 2008. Percebe-se que se trata de uma tira em formato tradicional. No livro didático, a mesma história foi adaptada, como se vê na Figura 4: ao invés da linha horizontal, os dois quadinhos foram divididos e postos na posição vertical, configurando uma tira dupla.

Não houve nenhuma informação contextualizando a modificação do formato. A única orientação era com relação a outro ajuste feito, este dentro dos balões. Três palavras foram retiradas e, no lugar, inseriram-se números. O exercício pedia que o aluno completasse com os pronomes demonstrativos

correspondentes.

Por mais que o estudante tivesse de articular a situação mostrada no desenho com o conteúdo das falas dos personagens para construir a resposta, a questão não abordou quem seriam aqueles personagens, a qual série pertenciam e onde havia sido publicada. O máximo que havia eram as indicações da fonte de onde a tira havia sido extraída, mostradas no pé da imagem.

Nos créditos, descobre-se que era uma história de Recruta Zero, série norte-americana criada por Mort Walker em 1950 e publicada mundo afora desde então. No caso específico do exemplo utilizado no livro didático, o protagonista não aparece. São mostrados dois coadjuvantes da tira: Gizmo, um especialista em informática, e Dona Tetê, secretária do General Dureza, outro integrante da trupe militar⁸.

O que teria motivado a adaptação? Neste caso, possivelmente tenha sido o projeto gráfico do livro didático. No final das unidades, constam exercícios de aprofundamento. Para isso, a página é dividida em duas colunas, com as questões divididas em ambas. Nota-se, portanto, que, no modo como foi planejada a página, uma tira no formato tradicional e horizontal não poderia ser utilizada sem que passasse por alterações na sua composição.

O segundo caso de tira adaptada tem explicação semelhante. Trata-se de uma história de Hagar, o Horrível, uma das tiras mais recorrentes do livro didático, como demonstrado na Tabela 3. O personagem-título foi criado em 1973, nos Estados Unidos, por Dik Browne (cf. WALKER, 2016). Após a morte do desenhista, em 1989, as histórias passaram a ser criadas pelo filho dele, Chris Browne.

O visual e a marca central da série, no entanto, foram mantidos. Hagar é um viking, que divide o tempo entre os feitos heroicos e a vida familiar com a esposa, Helga, e os dois filhos. Em qualquer uma das situações, busca-se construir alguma cena ou diálogo cômico. Como no exemplo utilizado no livro didático:



Figura 5 – A forma como a tira de Hagar, o Horrível, é apresentada no livro didático.

Fonte: BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Projeto Teláris: Português – 6º ano. 2. ed.* São Paulo: Ática, 2015. p. 44.

Por menor que esteja a imagem, é possível identificar que ela é composta por cinco fileiras de

8 Há diferentes fontes sobre Recruta Zero. Aqui, valemo-nos de coletânea da série, publicada no Brasil pela editora Pixel (WALKER, 2016).

quadrinhos: as quatro primeiras apresentam um par de quadros; a última, apenas um. Uma vez mais, a história aparece na seção de atividades, no final de uma das unidades. Ou seja, precisa ter o conteúdo adaptado para o espaço físico planejado para aquela página. Uma vez mais, o aluno não é informado disso.

A narrativa original havia sido impressa na *Folha de S.Paulo* em 28 de março de 2004. Naquela edição, ela configurava uma tira de três andares, como pode ser conferido na figura a seguir:



Figura 6 – Tira de Hagar publicada no jornal *Folha de S.Paulo*

Fonte: BROWNE, Dik. Hagar, o Horrível. Ilustrada. *Folha de S.Paulo*. 28 mar. 2004. p. E11.

Como comentado, o formato maior é reflexo do modo de produção da tira nos Estados Unidos. Aos domingos, as séries são impressas em um caderno próprio e, por conta disso, tendem a ganhar um espaço maior. Essa é a explicação de a história ter sido produzida em três andares. Durante a semana, é utilizado o formato tradicional, com a narrativa construída na horizontal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito do que se vê hoje nos formatos utilizados para a criação das tiras tem suas raízes na indústria cultural. Esta padronizou moldes regulares para a composição das tiras. Assim, o mesmo produto poderia ser comercializado para mais de um jornal. Esse processo, ainda em voga no país, foi exportado para outras nações, entre elas o Brasil.

Por aqui, os diários impressos tendem a priorizar o formato tradicional, composto de uma faixa horizontal – e, raras vezes, vertical. Entende-se que esse seja um dos principais motivos de as tiras serem definidas desse modo no país. Também por isso, percebe-se uma maior presença desse molde narrativo no meio educacional brasileiro, como percebido nas análises do Portal do Professor e de um dos livros didáticos selecionados para compor o PNLD.

A tendência de se observar apenas esse formato é um tanto redutora, tanto do ponto de vista da definição adotada para as tiras quanto de sua aplicação junto aos alunos do ensino básico. Viu-se que

os próprios jornais se valem de outros moldes (tiras duplas, triplas, adaptadas) e que estes também se fazem presentes nos materiais educacionais pesquisados.

Para além desse registro, procurou-se, ao longo deste artigo, defender a necessidade de uma maior contextualização das histórias em quadrinhos levadas ao universo escolar. A observação dos formatos plurais já ajuda o aluno a antecipar informações sobre aquele conteúdo e a respeito de seu gênero. São dados que auxiliam no processo de construção do sentido e que fornecem elementos para uma leitura mais crítica, algo sempre esperado.

A contextualização também ajudaria a fornecer subsídios para que entenda melhor o conteúdo da série – quem são seus personagens, autor etc. – e também os motivos que levaram à adoção daquele determinado formato para a criação da história. Permitiria ainda uma comparação com o que se vê na produção contemporânea de tiras, vista com regularidade na internet brasileira, via sites, blogs e redes sociais, e tão acessada pelos jovens em idade escolar.

O senão é que são aspectos ainda pouquíssimo trabalhados no ensino brasileiro.

REFERÊNCIAS

BORGATTO, Ana Trinconi; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. **Projeto Teláris: Português – 6º ano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2015. Disponível em: <<https://someseducacaopnld2017.digitalpages.com.br/html/reader/218/49008>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

BRASIL. *Edital de convocação 02/2015 – CGPLI*. Brasília: Ministério da Educação, 30 jan. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/pnld_2017_edital_consolidado_10062015.pdf>. Acesso em 14 abr. 2017.

BRASIL. *PNLD 2017: guia digital*. Brasília: FNDE/Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BRASIL. *Portal do Professor*. Brasília: MEC. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

CASTRO, Thiago Estevão Calixto de. **Tiras cômicas online: mediação e interações na linguagem das tiras**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2016. Disponível em:

http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1802/1/CT_PPGTE_M_Castro,%20Thiago%20Estev%C3%A3o%20Calixto%20de_2016.pdf Acesso em: 13 abr. 2017.

GORDON, Ian. **Comic strips and consumer culture: 1890-1945**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1998.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Trad. Érico Assis. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

O’SULLIVAN, Judith. **The great American comic strip: one hundred years of cartoon art**. Boston: Bulfinch Press Book, 1990.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras**. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, Paulo. **Pontos de fuga: registros do processo de alargamento do formato das tiras**. Nona Arte: Revista Brasileira Pesquisas em Histórias em Quadrinhos. São Paulo: Observatório de Histórias em

Quadrinhos; Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2014. v. 3, n. 1. p. 85-103. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/nonaarte/ojs/index.php/nonaarte/article/view/96/117>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

RAMOS, Paulo. **Tiras no ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

WALKER, Brian. No princípio... In: BROWNE, Dik. **Hagar, o Horrível: tiras diárias completas – 1973-1974**. Trad. Alexandre Boide. Porto Alegre: L&PM, 2016. p. 4-9.

WALKER, Mort. **O livro de ouro do Recruta Zero**. Rio de Janeiro: Pixel, 2016.

